

Sobre a Origem da Nomenclatura Alemã na Mineralogia Brasileira

Hedwig Kux

A língua dos mineiros é uma das mais interessantes entre as línguas técnicas em geral. O criador mais competente da nomenclatura da mineralogia é o homem do povo. Johann Friedrich Henke, Bergrat na Saxonia, dizia no seu livro: "Kieshistorie" em 1725, "der vornehmste Erfinder der Bergsprache ist der gemeine Mann." O mineiro que mal sabia ler e escrever não usava os nomes gregos, latinos ou árabes. O citado Bergrat Henke dava mais valor aos nomes simples e curtos, pois é fácil distinguir "Glanz", "Blende" e "Spath". O caráter internacional que a nomenclatura mineralógica vem adquirindo recentemente faz com que nomes de minerais expliquem melhor as suas qualidades do que as suas fórmulas químicas. O comércio e a indústria preferem os nomes originais. É evidente que, por exemplo, o nome Quartzo é mais claro e compreensivo que sua fórmula. Naturalistas muitas vezes foram criadores geniais de nomes. Os problemas de nomenclatura não são tão simples no campo da mineralogia como na zoologia ou botânica. São os nomes alemães que foram assimilados por todas as línguas germânicas e européias.

Sendo substantivos, os nomes alemães têm gênero gramatical, ou masculino ou neutro e até feminino. O autor do livro "Die Namen der Steine", Hans Lüscher, conta cerca de 1000 nomes masculinos e incluindo os compostos (p. ex. com -erz) também acha um número considerável de nomes neutros. Os femininos são os mais antigos como "Grauwacke, Kieselguhr, Blende" e também "Pechblende" e "Hornblende". Die Kieselguhr passou a ser masculino em português enquanto "Der Gang" virou a ganga. Os mineiros comparavam os minerais com seres vivos. Esta visão perde-se com o avanço da nomenclatura científica. O cobalto é um exemplo. No início "der Kobold" hoje é "das Kobalt", em português "o cobalto". Com a introdução de designações gregas e latinas, o gênero gramatical perdeu a importância. Hoje os nomes de pedras e minerais são usados sem artigos. Obras científicas alemães não esclarecem nada sobre o gênero gramatical. Deste fato surgem dúvidas a respeito do artigo. A última edição do "Duden", de 1973, atribui ao Wolfrâmio "Der Wolfram" o gênero neutro, embora Knauers Rechtschreibung, do mesmo ano, muito certo considera Spath (o espató) masculino. Wolfram e Wolfruss são esquecidos como substantivos masculinos.

2.1. Do antigo alemão passaram ao alemão moderno entre outros:

"Der Gneis, der Spath, die Blende, der Fels, die Druse, der Gang, der Torf, der Löss, die Wacke," - Substantivos que as outras línguas germânicas conhecem. Não são muitos, mas todos se encontram na nomenclatura mineralógica brasileira.

2.2. Os nomes mencionados como outros do antigo alto alemão se distinguem por serem curtos. Outros nomes pertencentes a esse grupo e, comuns nas línguas germânicas, porém não existentes em português, são: "das Salz, das Silber, der Ton, der Flint, das Blei, der Kies, die Erde, der Lehm." Mais tarde foram acrescentados os nomes do vocabulário técnico dos mineiros como por exemplo: "Glanz, Quarz, Fluss, Spiess." Ainda no século XIX estes nomes curtos são mencionados entre os melhores de todas as classificações. A sua brevidade é uma grande vantagem em comparação aos nomes modernos, o que veremos adiante. A sua sonoridade faz com que eles se distingam, facilmente uns dos outros, como por exemplo: "der Fels, die Wacke, der Gneis, der Quarz". Para comparar aos nomes mais recentes. Antimonsilberblende ou Adamin, Almandin, Alabandin. Os três últimos são frequentemente confundido pelo estudante e leigo. A qualidade principal dos nomes germânicos, a brevidade, deve ser uma das razões pelas quais eles foram assimilados pelas outras línguas, fazendo desta maneira, parte também da nomenclatura mineralógica brasileira. Outra qualidade dos nomes mencionados, que facilitava a sua assimilação à língua portuguesa é que eles não oferecem dificuldade de pronúncia, com exceção da pechblenda e talvez da potassa. O último nome foi bem assimilado do alemão "Pottasche". Pequenas modificações sofreram "der Gang" para a "ganga", mudando também o gênero e "o espato" do alemão "Spath".

2.3. Interessante é o capítulo de certos nomes dados por mineiros alemães, pois são apelidos pejorativos. Desde grupo, o português selecionou: colbalto, mispiquel, níquel, volfrâmio e blenda. Os mineiros da Saxonia xingaram um certo grupo de rochas, (eles não os consideraram minerais), de nomes de diabos e demônios germânicos. A presença deles, a princípio, impediu a fundição do cobre. Também não eram facilmente distinguíveis e como enganadores do mineiro receberam os nomes mencionados. Com a exceção de três achamos em português: die Blende - a blenda (também hornblenda) -, Vem do verbo "blenden" o que significa enganar, como também os compostos horn e blenda e pechblenda. Foram eliminados da nomenclatura alemã e não se encontram em português: "Katzensilber", Katzengold" e "Gånsekötig", considerados indecentes. A pechblenda, como outros, as vezes mostrava um aspecto brilhante prometendo ser um bom minério, mas era sem valor. Os minei

ros rezavam:

"Verwandle Glanz, Kies, Blend und Querz (Quarz)
Herr, durch dein Wort in gutes Erz!"

Somente Deus podia transformar Blende ou blenda num minério valioso. A prece foi atendida. A valorização de fato ocorreu com a Pechblenda quando Klapproth, em 1789 tirou dela o urânio, achando que Pechblenda não merece mais esse nome indecente. O cobalto, "das Kobalt", vem de "Kobold", como níquel de Nickel. Ambos der Kobolt und der Nickel são demônios. Especialmente o Kobold fez com que certas rochas, de vez em quando, brilhassem igual à Prata, transformando-se em fumaça venenosa na fundição, (era o arsênico, somente útil para matar moscas). Um minério de arsênico também é o mispíquel - em alemão "Mispickel". A origem: Pickel ou Buckel não é bem clara, mas significa algo desagradável, mal cheiroso e produz vapores venenosos. Níquel vem de Nickel. Este demônio ou Bennegeist também é chamado Nikolaus. No princípio nickel é usado só na composição Kupfernichel. Este Nikolaus, por maldade, deu a certa rocha mais peso e uma cor vermelha prometendo assim cobre. Mas não contém cobre.

Em 1751, foi encontrado no Kupfernichel um metal. Desta vez o nome nickel não foi mudado, nem tampouco o de cobalto. Talvez os demônios já tivessem perdido o seu poder. O volfrâmio, em alemão "der Wolfram" e mais tarde "das Wolfram", era considerado um forte inimigo dos mineiros até a descoberta do valor de volfrâmio. Quarz, em português o quartzo, é documentado em alemão a partir do século XIV. O dicionário de Grimm deriva Quarz do antigo alemão quarx, *quarx-zweng*, isto é, anão, também um demônio. Últimas pesquisas derivam quarz do tcheco. Como o quartzo é o mineral encontrado com mais frequência na superfície, tem também muitos compostos que, em analogia ao alemão são traduzidos: Rauchquarz, Milchquarz e Rosenquarz - Quartzo de fumaça, quartzo de leite e quartzo de rosa respectivamente.

3.2. Existem também minerais nos escombros que não podem ser explorados. Alguns porém indicam o caminho para o bom minério nas suas proximidades, são eles: Wacke, (vaca ou vaqua), Gneis (ou gnaisse), Horn (ou horna) e Spath (espató ou Spato). Grauvaca ou na ortografia recomendada por Antenor Nascentes grauvaqua. Grauvaca não é uma raça bovina (talvez importada pelos imigrantes alemães do Rio Grande do Sul?). Die Wacke oder Grauwacke antigo alto alemão "waggo" é apenas uma rocha redonda e firme e a mais frequente nas idades da nossa terra. Spath em português o espató e feldspato, vem do verbo "spalten". = partir, fender, separar.

3.3. Grande influência sobre a nomenclatura internacional tomou o pai da geologia alemã Abraham Gottlob Werner (1749-1817), professor em Freiburg na Saxonia. Entre os seus alunos se encontravam Alexander von Humbolt, José Bonifácio e Manoel Ferreira da Câmara, em Minas conhecido como Intendente Câmara. A coleção mineralógica comprada na Alemanha pelo conde da Barca, pouco antes de 1810 tem mais de 3000 peças classificadas e descritas por Werner. Seus alunos seguiram seu sistema. Ele sempre deu preferência aos nomes simples pois achou que são mais fáceis de serem decorados pelos estudantes.

3.4. Inovações propostas por Werner são os nomes: feldspato, hornblenda, kieselguhr, pechblenda - hoje assimilados na nomenclatura brasileira. Eles são compostos de elementos do vocabulário técnico de mineiros alemães.

3.5. Um grande grupo de nomes indicam os locais onde o respectivo mineral foi encontrado, outros receberam nomes em homenagem a pessoas, como por exemplo: Spessartite (local: spessart), goethita (pessoa). Spessartite e spessartita existem em português paralelamente como também Goethita e Goetite. Segundo Celso Cunha o sufixo nominal ite designa inflamação, doenças como por exemplo gastrite, ou meningite. Na mineralogia - "ite" - é reservado para designar fósseis. Grafite é um mineral e felsite uma rocha. Tampouco espessartite e goethite são doenças. Da goethita existem seis lindos exemplares fotografados na obra "Minerais do Brasil" de Rui Roberto Franco. Todos os seis foram encontrados em Minas Gerais, é claro!

3.6. E reciprocamente nomes brasileiros também participam da nomenclatura alemã como por exemplo: Amazonit, Andradit (de José Bonifácio de Andrada), Brazilianit, Itacolomit, Itabirit.

3.7. E para terminar, uma observação sobre as forças mágicas de certos minerais desconhecidos até no momento de suas descobertas. O cobalto pode criar forças além do imaginável, também o urânio. Quando Klaproth extraiu da pechblenda o novo elemento uranio deu-lhe este nome da mitologia, pois no mesmo ano foi descoberto o planeta Urano. Uranus o soberano da mitologia grega, procurou matar os filhos, pois temia que eles poderiam combater o pai. Mas Klaproth não sabia que do uranio pode-se extrair elementos capazes de extinguir a vida na terra. Na época os nomes da mitologia grega eram muito apreciados, lembramos os poetas do classicismo alemão - a poesia de Goethe: Parzenlied.

A muitas pedras foram atribuídas forças mágicas. A superstição sempre acompanha o mineiro, pois o seu ofício é penoso e muitas vezes perigoso. As pedras chamadas "Zaubersteine", pedras mágicas, tinham muitos sinônimos. A alquimia tratou os verdadeiros nomes como segredos, procurando esconder a verdadeira substância. Este grupo de nomes desapareceu por completo da nomenclatura oficial. O comércio aproveita os nomes de pedras que dão felicidade de qualquer tipo que se deseje. Mais convence a força mágica da famosa opala do drama de Lessing. A sua força mágica é ameaçada de extinção no momento em que a Opala é copiada duas vezes, de maneira perfeita não podendo se distinguir as duas pedras falsas da pedra original. Mas o juízo do drama convoca os três irmãos a praticar as virtudes humanas, as mesmas virtudes que a pedra original promete ceder ao seu portador. Assim Lessing consegue conservar a força mágica da pedra que intima o homem a seguir a vontade divina. Ela agora serve apenas para lembrar seu portador dos deveres humanos. É o aspecto adequado ao iluminismo alemão.